

O modo como tínhamos ou víamos: maravilhoso cristão no Brasil embrionário

*O modo como tínhamos ou víamos,
em que com tempo o gesto sempre o mesmo
fariamos com ciência refinada e sábia
(o mesmo gesto que seria útil,
se o modo e a circunstância persistissem),
tornou-se sem sentido e sem lugar.
(Jorge de Sena, “Noutros lugares”)¹*

Procurando justificar o título deste trabalho, extraído do poema “Noutros Lugares” do patrono da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros², junto à qual desenvolvemos esta pesquisa, defenderemos que o movimento de mutação de olhares dos portugueses durante os séculos iniciais de contato com as terras descobertas pela esquadra de Cabral, averiguado a partir de três eixos temáticos - “Nós”, “Eles” e “A Terra” - , se desencadeou a partir de um mesmo manancial imaginário, impregnado pelo maravilhoso cristão.

Pode-se constatar a permanência deste conjunto de idéias e representações nos textos que escolhemos como paradigmáticos de três momentos distintos do contato de portugueses com seu novo mundo. Um ideário que percorre o caminho do edênico ao demoníaco, carregado de representações do paraíso terreal e do inferno, utilizadas na caracterização da natureza e das gentes, quer nativos da terra, quer portugueses empenhados no movimento de colonização.

Convidamos, pois, o leitor a um passeio pelo “modo como tínhamos ou víamos”, um modo peculiar do português da expansão marítima que se dará de forma tripartida: focaremos o “Nós”, o “Eles” e a “Terra” como temas vitais para a explicitação das permanências e rupturas do olhar sobre o mesmo objeto, as possessões atlânticas dos portugueses quinhentistas e seiscentistas.

Dos temas que poderiam ser identificados optamos por grandes conjuntos que, acreditamos, podem dar conta de algumas subdivisões apresentadas. Como já enunciado, trabalharemos com três categorias: “Nós” (os portugueses), “Eles” (os índios) e “Terra”. Procurando justificar a escolha destes eixos temáticos como recurso analítico, tendemos a acreditar que a identificação de temas afins que se configurem como preocupação patente dos textos apresenta-se como solução viável para o trato dos três escritos constituintes de nosso *corpus*.

O primeiro de nossos textos, *A Carta*, de Pero Vaz Caminha, é produzido no momento de gênese do encontro de portugueses com um novo mundo descortinado; os dois seguintes, *A história da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo, e *A história do Brasil:1500-1627*, de Frei Vicente de Salvador, são frutos de encontros posteriores, distanciando-se, em média, 130 anos o último em relação à Carta, frutos da escrita de viajantes portugueses desejosos de difundir informações sobre a nova Colônia.

¹ MORNA, 1985.

² O modo como tínhamos ou víamos, /em que com tempo o gesto sempre o mesmo / fariamos com ciência refinada e sábia/ (o mesmo gesto que seria útil, / se o modo e a circunstância / persistissem), / tornou-se sem sentido e sem lugar. / (Jorge de Sena, “Noutros lugares”), grifos nossos.²

Três eixos, três momentos, três autores. Colheremos dos textos de Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gandavo e Frei Vicente de Salvador testemunhos de um momento peculiar da história portuguesa que culminou em riquíssima produção literária hoje agrupada sob o signo da viagem.

Este ensaio é uma tentativa de identificar recorrências e dissonâncias discursivas que reflitam nuances dos olhares dos três autores eleitos e que, ao mesmo tempo, comprovem a existência, como pano de fundo, de uma ideologia religiosa nos relatos sobre o Brasil destes portugueses dos séculos XV a XVII. Um intervalo de menos de 130 anos distancia suas produções, no entanto, constatam-se mudanças significativas nos olhares dos autores portugueses sobre as terras com que se deparou a esquadra de Cabral, sobre seus habitantes naturais e sobre a própria ação portuguesa.

Esse texto será ancorado em citações constantes dos autores citados, uma vez que se tratam de escritos não tão difundidos no meio das letras.

Ponto de partida (ou algumas referências teórico/metodológicas):

Para a demarcação de referências teóricas que nortearam este trabalho, gostaríamos de enfatizar alguns textos que ajudaram a dar configuração mais consistente à pesquisa.

Diogo Ramada Curto³, em ensaio n' *A história da expansão portuguesa*, identifica o grande impacto que teve a literatura de expansão para Portugal, merecendo lá uma importância muito maior do que nas outras literaturas européias. Aprofundará sua hipótese da especificidade da literatura de expansão em Portugal a partir de três questões motrizes: a primeira estaria vinculada à relação estabelecida entre os atos e suas representações, questão que detecta como antiga, que culminaria na constatação feita por muitos autores ao longo dos séculos de que os portugueses não primariam por cantar seus feitos; a segunda teria relação com a circulação de modelos literários marcada pela oscilação de gêneros, pelos sincretismos e pelas exclusões que permeariam os discursos; e a terceira consistiria na forma de caracterizar sociologicamente a literatura relacionada com a expansão ultramarina, apontando que “o significado dos discursos considerados literários só poderá ser cabalmente compreendido se tivermos em conta os diferentes públicos e as diversas leituras a que aqueles se destinam”⁴.

Fernando Cristóvão, em “Condicionantes culturais da literatura de viagens”⁵, estudo de abertura de *Condicionantes culturais da literatura de viagens, estudos e biografias*, sinaliza as dificuldades para o entendimento “quer [d]a natureza desse subgênero literário, quer [d]as modalidades cuja existência os postulam como especialmente significativos”⁶. Historicizando a criação do subgênero, apontará o primeiro passo para o estabelecimento desta linha de pesquisa: “Pensar literatura de viagens é, antes de mais, admitir que há um conjunto de textos que à viagem foram buscar temas, motivos e formas que, na sua globalidade, se identificam com um conjunto autônomo, distinto de outros conjuntos textuais”⁷.

Segundo o autor, “Foi tardio e é relativamente recente o reconhecimento do subgênero *Literatura de Viagens*”⁸ e as principais causas apontadas para ter sido tardio seu

³ CURTO, 1998.

⁴ CURTO, 1998, p.434.

⁵ CRISTÓVÃO, 1999.

⁶ CRISTÓVÃO, 1999. Citação colhida na p.11, não numerada.

⁷ CRISTÓVÃO, 1999, p.15.

⁸ CRISTÓVÃO, 1999, p.16.

reconhecimento residiriam no seu carácter interdisciplinar, fronteiro de literatura, história e antropologia; e as concepções muito estreitas e formalistas sobre o que seja literatura. Buscando filiar-se a uma concepção ampla de literatura "que tenha sobretudo em conta o modo como os textos foram recebidos pelos leitores e pelos outros integrantes da chamada instituição literária ao longo dos séculos"⁹, Fernando Cristóvão se esforçará por mostrar que apenas essa visão alargada da literatura pode dar conta das próprias teorias interpretativas que se sucedem e coexistem ao longo dos anos sobre literariedade. Assim

"Como é possível, em face desta realidade, continuar-se a questionar a legitimidade literária de certos textos, aparentemente só documentais, e de outros que não se impõem pelo esplendor das metáforas, das figuras de retórica, ou de apurada estrutura significativa, mas que são aceites pelo público como integrados no corpus literário?"¹⁰

À instituição literária, composta por autores, editoras, leitores, publicidade, escolas, academias, grêmios literários e associações de críticos e historiadores literários, caberá, nesta concepção mais ampla de literatura, a legitimação dos textos. Para o estudo específico da Literatura de Viagens serão imprescindíveis as participações de dois dos atores sociais acima elencados: leitores e editores. Serão eles os responsáveis "pela passagem dos relatos de viagens da simples historiografia e antropologia para a literatura, também foram eles que contribuíram, a posteriori, para uma definição do subgénero literário."¹¹

O subgénero persistiu, pelo gosto dos leitores e estímulo dos editores, do século XV ao XIX, caracterizando-se por textos que entrecruzavam "Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas"¹².

Em "Proposta de tipologia para Literatura de Viagens"¹³, a constatação de uma literatura de viagens, - entendida como já esboçamos, a partir de uma perspectiva ampla e tomando como principais atores sociais de sua legitimação leitores e editores - permite o estabelecimento de uma tipologia confeccionada *a posteriori*, cuja ênfase recaia sobre temáticas mais específicas. Fernando Cristóvão trabalha com grandes categorias que, por sua vez, também se ramificam: 1- Viagens de expansão (política, religiosa e científica); 2- Viagens de erudição; 3- Viagens de formação e serviços e; 4- Viagens imaginárias.

Para a análise da *Carta de Caminha* trabalharemos com a categoria tipológica de "Viagens de Expansão" e, mais especificamente com as de carácter político protagonizada pelos países ibéricos¹⁴. Esta categoria também é entendida de forma multifacetada pelo autor, e nos debruçaremos sobre o que designou "viagens de verificação e manutenção da soberania" exemplifica: "exprime o espanto e a *hybris* aventureira de descobridores e conquistadores a *Carta de Achamento do Brasil de Pêro Vaz de Caminha, de 1500*"¹⁵

E para a análise dos textos de Pero de Magalhães Gandavo e de Frei Vicente de Salvador trabalharemos com a categoria tipológica *Viagem erudita, de formação e de serviço*. Segundo Fernando Cristóvão estas "São viagens em que a aquisição de

⁹ CRISTÓVÃO, 1999, p.16.

¹⁰ CRISTÓVÃO, 1999, p.20.

¹¹ CRISTÓVÃO, 1999, p.30.

¹² CRISTÓVÃO, 1999, p.35.

¹³ CRISTÓVÃO, 1999, p.37.

¹⁴ Trabalharemos mais pausadamente em outro momento com os condicionamentos históricos da expansão portuguesa.

¹⁵ CRISTÓVÃO, p.45.

conhecimentos é a preocupação maior, quer se trate de conhecimentos científicos, ou de cultura geral, capazes de provocar idéias ou hipóteses".¹⁶

Algumas marcas de produção e recepção:

Antes de iniciarmos nosso passeio pelos três temas identificados como condutores de nossa incursão pelos textos, propomos visitar os textos em separado para que se possam evidenciar marcas de sua produção e recepção.

Como já havíamos argumentado, um dos fatores levado em consideração para a consolidação da literatura de viagens como subgênero é a ação dos editores. Gostaríamos, portanto, de alinhar alguns comentários sobre a publicação dos textos de que nos serviremos. De uma forma geral foi tardia sua publicação, sobretudo a dos testemunhos da esquadra de Cabral. Aponta-nos Paulo Roberto Pereira:¹⁷ *"Das três narrativas presenciais da chegada da frota cabralina ao sul da Bahia - a Carta de Pero Vaz de Caminha, a Relação do Piloto Anônimo e a Carta de Mestre João Faras -, nenhuma foi, inicialmente, publicada em Portugal"*.

Se o estudo dos textos propostos tem sido exercício constante de historiadores, o mesmo não acontece no domínio da literatura. Se percebemos um aflorar de trabalhos que tomam os textos produzidos por portugueses no Brasil do achamento e do período imediatamente posterior como documentos históricos, como o de Laura de Melo e Souza, por exemplo, o mesmo se verifica em proporção contrária no âmbito da literatura.

A Carta de Pêro Vaz de Caminha:

Aportaremos primeiro no texto que retrata o achamento da Ilha de Vera Cruz, a *Carta* de Pêro Vaz de Caminha. Interessa-nos, antes do desfraldar temático a que nos propomos, chamar atenção sobre alguns aspectos formais deste texto.

Fernandes nos alerta que muitas têm sido as leituras feitas da *Carta*:

"Não omitindo seu interesse literário, a carta tem sido explorada em três direções fundamentais. Primeiro, como crónica de viagem, é um depósito de informações para a história dos descobrimentos. Em segundo lugar, como descrição da realidade física e humana, é um documento sobre a geografia e a população sul-americanas de Quinhentos. Interessa aqui a atenção prestada à Natureza, os pormenores da vegetação, o colorido da fauna, os hábitos dos indígenas. Em terceiro lugar, como manifestação das reacções dos portugueses perante o desconhecido e o diferente, a carta é uma fonte de raro interesse para o levantamento da mentalidade de finais do século XV e dos seus reflexos na concretização de uma antropologia possível."¹⁸

Mas será justamente sobre seu interesse literário que nos debruçaremos... No entanto, devemos evidenciar que as leituras não são estanques, mas complementares e, portanto, ao longo de nosso texto muitas serão as interferências interdisciplinares que

¹⁶CRISTÓVÃO, 1999, p.49.

¹⁷PEREIRA, 1999, p.29.

¹⁸FERNANDES, *In*: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL, 1997, pp. 147-154.

permitam uma leitura complexificante da literatura de viagens portuguesas da transição do século XV e XVI e da primeira metade do século XVII.

Para Manuel Simões em *A literatura de viagens nos séculos XVI e XVII "o texto participa simultaneamente do modelo epistolográfico (...) e da forma diarística"*¹⁹ característica responsável pela alternância dos tempos verbais

*"o presente no exórdio e na conclusão, de acordo com o cânone da epístola; o passado na narração dos acontecimentos vistos e observados pelo autor, e apresentada uma organização interna que pressupões, de facto, a do diário. O presente intervém igualmente na parte consagrada à narração mas só nos momentos em que Caminha se dirige ao seu interlocutor (El-Rei D. Manuel), explorando sapientemente tal artifício para vivicizar a escrita e prender a atenção do destinatário da Carta, seu primeiro leitor."*²⁰

Na tentativa de dar a conhecer o que desvendou com o olhar inaugural, de prestar contas a seu leitor-destinatário, Caminha empenha-se na tarefa de descrever aquilo que é visto e merece menção. Para Manuel Simões²¹, a carta apresentaria uma clara função ideológica de propagandear a necessidade política de evangelização dos índios e, ao mesmo tempo, esboçaria uma atenção econômica de avaliação da natureza circundante, esse binômio religião-economia pode ser apontado como marca da mentalidade dos séculos XV e XVI, como motriz da empreitada das grandes navegações. Segundo Laura de Mello e Souza

*"Nunca é demais lembrar que o fim da Idade Média e os inícios da Época Moderna caracterizam-se por uma religiosidade funda, exacerbada, cheia de angústia. Portanto, sem que os propósitos materiais fossem acanhados, cristianizar era, de fato, parte integrante do programa colonizador dos portugueses diante do Novo Mundo. Mais do que isto: parte importante, dado o destaque que tinha a religião na vida do homem quinhentista."*²²

Ainda na tentativa de caracterização da escrita da *Carta*, nos utilizaremos do texto em que Clara de Macedo Vitorino²³ propõe uma análise comparativa dos textos de Caminha e Colombo como visões de encontros entre os europeus e o recém descoberto ocidente.

Retomando a *Carta* de Caminha e o *Relato da Quarta Viagem* de Colombo, tentará demonstrar que ambos são embebidos por uma mesma mentalidade de época, configurando-se como legítimos representantes de um mesmo momento histórico, tendo como eixo central de seus relatos o encontro com um novo mundo e com a tentativa incessante de descrever aquilo que ainda não fora nomeado, de dizer o desconhecido.

Esta autora ainda ressalta a necessidade de compreensão de que nem um nem outro autor *"se propunham a fazer 'literatura' ou 'história' "*²⁴, muito embora hoje esses textos venham continuamente sendo incorporados como objeto de uma e outra disciplina.

¹⁹ SIMÕES, 1985, p.13.

²⁰ SIMÕES, 1985, p.13.

²¹ SIMÕES, 1985, pp.13-14.

²² SOUZA, 1986, p.33.

²³ VITORINO, In: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL, 1997, pp. 285-295.

²⁴ VITORINO, In: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL, 1997, p. 287.

A preocupação patente que esses autores apresentam em deixar claro que irão relatar a Verdade observada não deve ser tomada como a presentificação da dita verdade, por ser muito tênue a fronteira entre fato e ficção uma vez que seus textos serão modulados a partir dos critérios estilísticos e mesmo epistemológicos de seu tempo. Assim, a preocupação dos autores em garantir a legibilidade de seus relatos e a veracidade dos fatos acabará por adequar seus textos, moldando-os de acordo com os signos compartilhados com seus receptores, tentando relatar o desconhecido a partir de noções já conhecidas:

"Para assegurar a legibilidade dos seus textos, fazem referências implícitas e explícitas a um sistema de valores institucionalizados (extra-textuais) que derivam do 'real', e que se apresentam como comuns ao emissor e ao receptor, conseguindo tornar os seus textos mais 'verossímeis'. Desta maneira os narradores não obedecem apenas a um código lingüístico, às regras do gênero que adoptam no seu relato (carta-relato), mas introduzem o código de convenções sociais²⁵. (...) Colombo e Caminha defrontam-se não apenas com a dificuldade de não entenderem as línguas indígenas, mas também como de fazer a sua própria língua transmitir 'realidades' ainda não nomeadas. Sua visão aparece, pois limitada pelo uso convencional da linguagem."²⁶

A História da Província Santa Cruz de Pero de Magalhães Gandavo:

Sheila Moura Hue em artigo para “Enlaces e desenlaces”, Revista do Real Gabinete Português de Leitura²⁷, aponta Gandavo como o inaugurador da história e geografia brasileiras de língua portuguesa. Para a autora "*A História da Província permanece ainda hoje um texto vivo e saboroso, e, se não é uma história no sentido moderno, é um vigoroso relato renascentista em que a experiência, a observação e o impulso de conhecer o novo mundo em todas as suas dimensões se mesclam a um imaginário de sabor ainda medieval*²⁸".

A *História* figura como o primeiro texto centrado na descrição do Brasil que foi impresso em Portugal, em 1576. Configura-se como versão revista da compilação de dois textos anteriores, *Tratado da terra do Brasil* e *Tratado da Província do Brasil* que, no entanto, permaneceram inéditos até os séculos XIX e XX, respectivamente.

Hue chama a atenção para o fato de, a despeito da precocidade de publicação da *História*, ainda no século XVI, ser pouca ou nenhuma difusão da obra de Gandavo no Brasil. Quando a autora aponta alguns estudiosos portugueses que se debruçaram sobre os textos de que ora tratamos, chama a atenção para a inexistência de estudos mais recentes produzidos do lado de cá do Atlântico.

Uma das principais características estilísticas do texto é sua divisão em três partes constituintes: a dedicatória, o prólogo e o corpo do texto em si. Pimentel e Santos

²⁵ VITORINO, In: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL, 1997, p.293.

²⁶ VITORINO, In: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL, 1997, p.294.

²⁷ HUE, 2001.

²⁸ Embora concordemos com as proposições de Sheila, somos levados a crer que a configuração do pensamento "medieval" de Gandavo tenha se circunscrito muito mais ao âmbito religioso, como por exemplo em sua defesa da manutenção da designação "Santa Cruz" ao invés da banalização de "Brasil". Por outro lado, acreditamos, sua forma de entendimento, político e social, de mundo esteja em perfeita sintonia com o ideário renascentista.

evidenciam e caracterizam cada uma destas partes: *"A dedicatória é atribuída a D. Leonis Pereira, militar que se distinguiu na defesa de Malaca contra o rei Achém, entre 1551 e 1557. Aqui estão presentes vários componentes do discurso retórico da antiguidade"*

É interessante atentar para o desejo expresso pelo autor de conseguir louvar "dignamente" os feitos de D. Leonis Pereira. Passagem ainda mais interessante da dedicatória é a aproximação entre as letras e as armas operada pelo autor - que, segundo Curto²⁹, era prática recorrente da literatura de expansão portuguesa do século XVI-

"A qual espero que folgue de ver com atenção, e receber-me benignamente debaixo de seu amparo: assi por ser cousa nova, e eu a escrever como testemunha de vista: como por saber quem particular affeçam V. M. tem ás cousas do engenho, e que por esta causa nam serà menos aceito o exercício das escrituras que o das armas."³⁰

Prólogo ao leitor será dedicado à explicitação dos motivos que o impulsionaram na direção do exercício de escrita. Esta parte do texto inicia-se da seguinte forma:

A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia , e sair com ella a luz, foi por não haver atégora pessoa que a emprendesse, havendo já setenta e tantos annos que esta Provincia he descoberta. A qual historia creio que mais esteve sepultada em tanto silêncio, pelo pouco caso que os portuguezes fizeram sempre da mesma provincia, que por faltarem na terra pessoas de engenho, q curiosas que per melhor estilo, e que mais copiosamente que eu a escrevessem."³¹

Para, em seguida, dar conta do principal intento da escrita: o de propagandear as riquezas da terra que fariam do Brasil porto seguro para os pobres de Portugal enriquecerem honestamente, dando vazão ao projeto colonizador

"parece cousa decente e necessaria terem tambem os nossos naturaes a mesma noticia, especialmente pera que todos aquelles que nestes Reinos vivem em pobrezanam duvidem escolhe-la paraa seu amparo: porquea mesma terra he tal, e tam favoravel aos que a vão buscar, que a todos agazalha e convida com remedio por pobres e desamparados que sejão."³²

Esse ideal colonizador emerge coerente com a própria proposta de escritura do texto que deveria ser o mais acessível possível. Sobre o estilo de seu texto, escreve Gandavo: *"Somente procurei escrever esta na verdade por hum estillo facil e chão, como meu fraco engenho me ajudou, desejoso de agradar a todos os que della quizerem ter noticia."³³*

A terceira parte é composta por capítulos de descrição das terras do Brasil. Segundo Pimentel e Santos

O texto é composto de catorze capítulos, que abarcam três temáticas fundamentais: a história da descoberta e colonização do Brasil, a descrição natural com a designação da fauna e flora mais significativas do ponto de vista medicinal, gastronômico e dos recursos econômicos e as características dos índios."³⁴

²⁹ CURTO, 1998, p.434.

³⁰ GANDAVO, grifos nossos

³¹ *Idem ibidem*, p.75.

³² *Idem ibidem*, p.76.

³³ *Idem ibidem*, p.77.

³⁴ PIMENTEL & SANTOS, p.220.

A História do Brasil: 1500-1627 de Frei Vicente do Salvador:

A *História* de Frei V. do Salvador, o último texto de nossa cadeia, apresenta o claro propósito de se construir como um livro de história tal qual os tempos modernos consagraram este conceito. Formalmente dividido em 5 "livros", e cada um destes por sua vez também composto por outras partes, os "capítulos".

O livro apresenta ainda uma dedicatória ao "licenciado Manuel Severim de Faria, Chantre na Santa Sé de Évora", que desenhará o estilo de escrito do Frei e importantes amostras de concepções suas sobre a escrita da história como, por exemplo, em:

*"e com muita razão, porque (como diz Tulio 2. de Oratore) os livros históricos são luz da verdade, vida da memória, e mestres da vida; e Diodoro Sículo diz in proemio sui operis que estes igualam os mancebos na prudência aos velhos, porque a que os velhos alcançam com larga vida e muitos discursos, podem os mancebos alcançar em poucas horas de lição, assentados em suas casas."*³⁵

Seu autor, o único cidadão português nascido em terras Brasileiras dos três que escolhemos, não viu, em vida, a publicação de sua obra. Escrita em 1627, a *História do Brasil* escrita pelo Frei só foi publicada muitos séculos mais tarde, depois de uma atribulada trajetória:

*"Não se sabe por que ficou inédita esta obra, visto que o seu autor, talvez a conselho de Severim, lhe fez algumas adições. Foi Varnhagem quem viu primeiro o manuscrito, achado no Palácio das Necessidades, em Lisboa, mas dispensou-lhe pouca atenção. Depois de várias diligências foi tirada uma cópia de toda a obra manuscrita e enviada para o Rio de Janeiro. Esta cópia foi vendida em leilão, com os papéis do Marquês de Olinda, Ministro do Império, em meados do século XIX, e adquirida por um particular, que a ofereceu à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (...) A Biblioteca Nacional fez a edição completa da História do Brasil – Rio de Janeiro, 1889, na tipografia de G. Leuzinger & filhos, Rua do Ouvidor, 31. Foi reeditada em 1918."*³⁶

Desta forma, apenas no século XIX, no afã de fundamentar em bases históricas a construção do Brasil que foi publicado pela primeira vez o texto de Frei Salvador, deixando, assim, um grande hiato entre o momento de sua e escrita e o de sua publicação. Será neste mesmo século que o escritor será consagrado como o primeiro historiador do Brasil, título consagrado pela crítica. Segundo José Veríssimo:

*"Se houveramos nós, brasileiros, de fazer a lista dos nossos clássicos, isto é, daqueles escritores que souberam bem escrever a sua língua, conforme o uso do seu tempo, melhor nos representassem o entendimento e a vontade que faz de nós uma nação, o primeiro desta lista seria por todos os títulos de frei Vicente do Salvador, com a sua História do Brasil. É ele o único prosista brasileiro da fase inicial da nossa literatura."*³⁷

³⁵ SALVADOR, [1627].

³⁶ Enciclopédia portuguesa brasileira, vol. XXV, p.

³⁷ Dicionário Literário Brasileiro.

Assim, depois de morto, “nosso primeiro historiador”, ou o “inaugurador da prosa brasileira”, colheu os louros por sua obra. Como o descrito no Dicionário literário brasileiro, várias foram as homenagens prestadas a Salvador, como, por exemplo, “*por ocasião do 4º centenário do nascimento do ‘pai da história do Brasil’, foi lançado sêlo comemorativo, no convento de S. Antônio, no Rio de Janeiro(26-6-1967)*”³⁸

Nós, Eles e a Terra:

Tentando traçar uma linha de constância nos relatos sobre os temas que enfocaremos detidamente, podemos afirmar que os autores apresentam graus de consenso variados para cada um dos três. Seguindo uma escala, partimos da "Terra", passamos por "Eles" e chegamos a "Nós". Assim sendo, permanências são detectadas mais facilmente quando analisamos as imagens referentes a aspectos físicos da nova província portuguesa, e dissonâncias nas passagens, primeiro, referentes a suas gentes e, finalmente, à própria ação desbravadora e colonizadora.

Sendo a "Terra", apresentada como a mais estável das categorias, há a anuência dos autores, concordando todos em uma descrição enaltecida de suas singularidades: ela é descrita generosamente, como acolhedora e promissora sendo, de forma geral, seus mistérios encarados como parte dos planos divinos.

Em seguida, encontramos as passagens referentes aos índios, os outros com quem se deparam e com quem precisam estabelecer contato e convivência. Essas passagens passam do encanto de Caminha, manifesto até mesmo na descrição dos ornamentos ("*ali verieis galantes, pintados de preto e vermelho e quartejados assim pelos corpos como pelas pernas, que, por certo, pareciam assim bem*"³⁹), ao temor e repúdio de Gandavo ("*sam desagradecidos em gran maneira, e mui deshumanos e crueis, inclinados a pelear e vingativos ao extremo*"⁴⁰) e de Salvador ("*e só se distinguem em serem uns mais bárbaros que outros - posto que todos o são assaz*"⁴¹).

E, por fim, destacamos a categoria em que há maior dissenso entre nossos autores, e, ao mesmo tempo, a de mais difícil percepção - "Nós". Se em Caminha não percebemos nenhum tipo de crítica ao comportamento dos desbravadores, até por serem os primeiros a travarem contato com a terra, Gândavo pode apontar alguns equívocos, mas abstem-se de maiores comentários e, Salvador, o mais distante, em relação ao tempo da chegada, tece críticas severas ao comportamento de portugueses e descendentes na Província.

1) Nós:

Verificar a presença do discurso referenciado no "Nós" nos textos é uma tarefa mais complexa do que buscar indícios dos outros dois eixos temáticos de que nos utilizamos. Se, por um lado, os discursos analisados estão comprometidos com a explicitação de características e peculiaridades da natureza e da presença do outro, preocupados em dar a conhecer os novos mundos e as novas gentes ao Reino, por outro, identificar a auto-imagem confeccionada sutilmente por esses três portugueses, que são tomados por estudiosos, hoje,

³⁸ Dicionário literário brasileiro, p.

³⁹ CAMINHA, p.17.

⁴⁰ GANDAVO, p.122.

⁴¹ SALVADOR, p.77.

como emblemas de um pensamento epocal, por outro, apresenta-se como uma tarefa muito mais árdua e, talvez por isso, tenhamos decidido iniciar nosso percurso por ela.

Gostaríamos de lembrar que o eixo condutor de nosso passeio por esses textos será a presença forte de um imaginário cristão que se impregna pelas vivências reais destes homens. As marcas referentes ao nós apresentam-se muito menos evidentes do que nas duas outras categorias, fundindo-se e misturando-se, diluindo-se e disfarçando-se, ao longo do narrar de um novo mundo.

Procuraremos, pois, buscar os olhos que o velho lança sobre o novo, tentando decifrar o deslumbramento responsável pela mágica que transfigura um em antítese do outro, tentando decifrar o "Nós" em marcas que, a princípio, destinar-se-iam ao "Eles" e à "Terra".

Há que se destacar a importância da missão evangelizadora a que esses homens se ligam. Tentaremos perceber como sua penetração no Novo Mundo se dá de forma reverente, buscando na natureza os indícios dos desígnios do Senhor, e tendo como missão cristianizar terras e almas.

O "Nós" que nos apresenta Caminha é o de um português surpreso com o contato, que se preocupa em abranger em seu olhar as novas terras e gentes, sem, no entanto, compreendê-las totalmente. O "Nós" que vislumbramos com Caminha empenha-se na tentativa de decifrar vestígios de sinais para estabelecer comunicação, tentando ler o que deseja na linguagem incompreensível dos habitantes locais com que se deparam.

Empenham-se, ao mesmo tempo, os portugueses em montar um jogo de cena para que as distinções e a hierarquia fossem preservadas, como na interessante passagem da *Carta* em que levam dois índios para bordo da Capitânia:

*"O capitão, quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar d'ouro mui grande ao pescoço. E Sancho de Tovar e Simão de Miranda e Nicolau Coelho e Aires Correa e nós outros, que aqui com ele na nau com ele imos, assentados no chão por essa alcatifa."*⁴²

em que, por fim, demonstram-se estupefactos por, a despeito de todos os signos que, para eles, evidenciariam a importância do capitão frente aos demais homens, não terem os outros demonstrado a necessária deferência.

Assim, Caminha demonstra com muita clareza aquilo que desejam ler os portugueses no mundo e nas gentes novos com que se depararam:

*"Um deles, porém, pôs olho no colar do capitão e começou d'acessar com a mão para a terra e depois para o colar, como quem nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata."*⁴³

Em passagem ainda mais explícita e esclarecedora, da clareza de que a tentativa de diálogo teria se pautado pela vontade de encontrar riquezas importantes naquelas novas terras:

"Viu um deles umas contas de rosario, brancas; acenou que lhas dessem e folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço e depois tirou-as e embrulhou-am no braço; e acenava para a terra e então para as contas e

⁴² CAMINHA, p.8.

⁴³ CAMINHA, p.8.

*para o colar do capitão, como que dariam ouro por aquilo. isto tomávamos nós assim por o desejarmos; mas, se ele queria dizer que levaria as contas mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lhos não havíamos de dar."*⁴⁴

Ainda sobre a postura adotada pelos navegantes com relação aos habitantes da terra, destacaremos, ainda, a hospitalidade com que tratavam os que iam a bordo:

*"O capitão mandou pôr à cabeça de cada um deles um coxim e o da cabeleira procurava assaz por não a quebrar. e lançaram-lhes um manto em cima e eles consentiram e ficaram dormindo."*⁴⁵

Esse cuidado e essa simpatia identificados no texto de Caminha não se verificam mais nos textos de Gandavo e de Salvador. Assim, os contatos posteriores entre portugueses e índios serão marcados pela desconfiança dos primeiros, passada a curiosidade inicial, desbravadas as terras, iniciada a colonização, começam a capturar índios e a tomar-lhes as terras, sendo, portanto, outro o teor do convívio do que foi iniciado no tempo de Caminha.

Tentaremos destacar agora a constatação da falência do projeto civilizador tal qual vislumbrado por Caminha, apontando que para além da conquista das riquezas da terra, ao povo português caberia a evangelização dos nativos, como missão que ofereceria a maior das recompensas, à graça divina: *"Mas o melhor fruto que nela pode fazer me parece que será salvar esta gente. e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em que ela deve lançar."*⁴⁶

Nossos outros autores constatam que a promessa de paraíso terreal pode-se danar com a ação desgovernada de portugueses na província. A terra é sugada e os índios mostram-se cada vez mais indóceis, estando bem distantes da imagem de pagãos inocentes prontos para a salvação delineada por Caminha.

Salvador é bem cáustico sobre o comportamento de portugueses na colônia. Acredita ineficiente todo o trabalho da conquista que não acompanhado de um projeto civilizador - e cristianizador - consistente. Assim, tendo feito metade do trabalho, o povo português não encara a ocupação efetiva das terras como necessidade premente.

*"Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse por negligência dos portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-sede as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos."*⁴⁷

2) Eles:

Procuraremos agora delinear as mutações das imagens e referências aos habitantes naturais das terras encontradas pela esquadra de Cabral em 1500 nos textos de Caminha, Gandavo e Salvador. Podemos, de antemão, adiantar que este bloco temático sofrerá uma guinada, do texto de Caminha, atento e simpático aos jeitos e formas do gentio, ao texto de

⁴⁴ CAMINHA, p.9, grifos nossos.

⁴⁵ CAMINHA, p.9.

⁴⁶ CAMINHA, p.30.

⁴⁷ SALVADOR, p.59.

Salvador, temeroso e desconfiado da possibilidade de convivência com os primeiros habitantes da terra.

Assim, iniciaremos mostrando como a própria descrição física é influenciada por este distanciamento temporal responsável pelo fim da simpatia de portugueses pelos índios. Se em Caminha "Eles" eram delineados como pessoas diferentes, peculiares, porém dignos de admiração:

*"A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura (...) Traziam ambos os beiços de baixo furados e metido por eles um osso branco de comprimento de uma mão travessa e de grossura de um fuso d'algodão e agudo na ponta como furador (...) de tal maneira o trazem ali encaixado, que não dá paixão nem lhes estorva a fala, nem comer, nem beber. Os cabelos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta mais que sobre-pente de boa grandura e rapados até por cima das orelhas."*⁴⁸

Gandavo já não demonstra tanto entusiasmo nem se empenha em uma descrição mais detalhada:

*"Estes índios são de côr baça, e cabello corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições delle á maneira de Chins. Pela maior parte sam bem dispostos, rijos e de bôa estatura; gente mui esforçada..."*⁴⁹

E, por fim, Salvador transfere para a descrição física sua aversão moral aos índios, contentando-se com uma sumária descrição de características gerais para, então, generalizar em uma condenação moral: *"O que de presente vemos é que todos são de cor castanha e sem barba e só se distinguem em serem uns mais bárbaros que outros (posto que todos o são assaz)."*⁵⁰

Se em Caminha percebemos o deslumbramento com a feição das índias, os outros dois autores não se detêm neste tópico, abstendo-se de tecer quaisquer comentários. Talvez essa ausência possa ser explicada pela busca civilizatória de que não estimula a mestiçagem de um, e dedicação à vida religiosa do outro. No entanto, nos aproveitamos das célebres passagens da *Carta* de Caminha sobre as moças com que se deparou depois do desembarque:

*"E uma daquelas moças era toda tinta, de fundo a cima, daquela tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda a sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que as muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela."*⁵¹

*"Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres moças, assim nuas que não pareciam mal, entre as quais andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tinta daquela tintura preta e o resto todo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas e também os colos dos pés. E suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas que não havia aí nenhuma vergonha."*⁵²

⁴⁸ CAMINHA, pp.7-8.

⁴⁹ GANDAVO, p.122.

⁵⁰ SALVADOR, p.77.

⁵¹ CAMINHA, p.12.

⁵² CAMINHA, 17.

Creditando a constante da falta de vergonha da nudez, talvez em referência ao estado de inocência edênico no qual estariam mergulhados os habitantes da "Terra".

Quanto às descrições do comportamento moral dos outros com quem os portugueses se depararam, notamos, claramente, a passagem da passividade constatada por Caminha para as descrições mais severas de Gandavo:

*"sam desagradecidos em gran maneira, e mui deshumanos e crueis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senam de comer, beber e matar gente, e por isso engordam muito, mas qualquer desgosto pelo conseguente tornam a emagrecer, e muitas vezes pode delles tanto a imaginaçam que se algum deseja a morte, ou alguem lhe mete na cabeça que ha de morrer tal dia ou tal noite nam passam daquelle termo que nam morra. Sam mui incostanstantes e mudaveis: crêm de ligeiro tudo aquillo que lhes persuadem por dificultoso e impossivel que seja, e com qualquer dissuaçam facilmente o tornam logo a negar. Sam mui deshonestos e dados á sensualidade, e assi se entregam aos vicios como se nelles nam houvera razão de homens: ainda que todavia em seu ajuntamento os machos e as feas têm o devidoresguardo, e nisto mostram ter alguma vergonha."*⁵³

e Salvador: "*É esse gentio naturalmente tão belicoso que todo o seu cuidado é como farão guerra a seus contrários.*", deixando clara a transmutação da imagem de um povo pacífico para um belicoso.

Gandavo, em certo trecho, chega a comparar os índios a animais, desumanizando-os para assim, talvez, explicar a falência dos planos de transformação dos idólatras em fervorosos cristãos:

*"Nam ha entre elles nenhumas boas artes a que se dêm, nem se ocupam noutro exercicio senam em grangear com seus pais o que hão de comer, debaixo de cujo amparo estão agazalhados até cada que um por si he capaz de buscar sua vida sem mais esperarem herança delles nem legitimas de que enriqueçam, somente lhes pagam com aquella criação em que a natureza foi universal a todos os outros animaes que nam participam da razão."*⁵⁴

*"nam adoram a cousa alguma, nem têm pera si que ha depois da morte gloria pera os bons e pena pera os maos, e o que sentem da immortalidade dalma nam he mais que terem pera si que seus difuntos andam na outra vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira que acabaram nesta."*⁵⁵

Acreditamos, no entanto, que as passagens que melhor encerram o peso das diferenças culturais, e explicam o abismo que acabou se firmando entre os dois grupos de habitantes da terra, portugueses e índios, sejam os incidentes em torno da comunicação. De Caminha nos servimos do momento inicial, em que as possibilidades de entendimento beiravam a nulidade. Chamamos, ainda, atenção para a consciência da diferença entre o que se entende e o que se pretende entender, manifestada pelo escrivão português:

⁵³ GANDAVO, p.122.

⁵⁴ GANDAVO, p.128, grifos nossos.

⁵⁵ GANDAVO, p.124.

*"Ali, por então, não houve mais fala nem entendimento com eles por a berraria deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém"*⁵⁶

*"e depois moveu o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre a carão da praia, e ali esperou um velho que trazia na mão uma pá d'almadia. Falou, estando o capitão com ele perante todos nós, sem o nunca ninguém entender nem ele a nós, quanto as cousas que lhe homem perguntava d'ouro, que nós desejávamos saber se o havia na terra."*⁵⁷

Para os dois outros autores, o idioma das gentes da terra apresenta-se como reflexo da vida desencaminhada dos índios. Vamos aos exemplos. Em Gandavo:

*"A lingoa que usam, toda pela costa, he uma: (...)carece de tres letras, convem a saber, que nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assi nam tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disto conta, nem peso, nem medido."*⁵⁸

e, com muitas semelhança são tecidos os comentários de Salvador, o que parece demonstrar, ser já em seu tempo uma máxima aceita e naturalizada a explicação lida em Gandavo:

"Mas nenhuma palavra pronunciam com f, l ou r, não só das suas, mas nem ainda das nossas, porque, se querem dizer Franciisco, dizem Pancico, e se querem dizer Luís, dizem Duí; e o pior é que também carecem de fé, de lei e de rei, que se pronunciam com as ditas letras.

*'Nenhuma fé têm, nem adoram a algum deus; nenhuma lei guardam, ou preceitos, nem têm rei que lha dê e a quem obedeçam, senão é um capitão, mais pera guerra que pera a paz."*⁵⁹

Fica evidenciado que a imagem repetida é utilizada para a descrição da inferioridade pressuposta de um povo não temente a Deus, não organizado como os Estados Europeus, e sem um Rei ante que se curvar.

3) A Terra

Dos eixos com que trabalhamos, "A Terra" é o que encontra maior consonância de opiniões dos três autores: as imagens apresentadas revelam o deslumbramento causado por uma natureza abundante, farta e generosa. Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gandavo e Frei Vicente do Salvador seguem a mesma trilha de enternecimento: imagens impregnadas por uma aura divina, dada a fertilidade da terra, as possibilidades de acolhimento, a variedade de espécies, e o maravilhoso de uma terra virgem, ou quase, que inocentemente se oferece aos eleitos do Senhor.

Uma forte característica das passagens destinadas à "Terra" é a preocupação com o tom descritivo assumido pelos autores: o objetivo de seus escritos era dar a conhecer uma nova terra, povoada por uma nova gente, com as quais portugueses teriam que lidar na tentativa de construir uma província de promessas para o Reino - quer seja esse o primeiro e maravilhado encontro, quer seja um encontro mais tardio e menos deslumbrado. Assim,

⁵⁶ CAMINHA, p.11

⁵⁷ CAMINHA, p.17.

⁵⁸ GANDAVO, p. 124.

⁵⁹ SALVADOR, p.78.

os textos se constróem a partir de inventários de elementos considerados importantes ou singulares, como as águas, as árvores, os frutos, as ervas, os animais, os monstros, as possibilidades de plantio, os empecilhos e os perigos.

Procuraremos, a seguir, elencar alguns destes elementos, na visão de nossos três autores, procurando destacar permanências responsáveis pela consolidação da imagem de uma terra edênica e pagã, que a todo custo, deveria ser convertida ao cristianismo para então poder colher verdadeiramente todas as graças oferecidas pelo Senhor aos seus servos fiéis, e afastar-se de artimanhas do demônio que, mesmo em terra abundante e fértil como aquela, não se furtava a conseguir domínio.

Assim, perseguiremos as marcas que indiquem a peculiaridade da terra apresentada, marcas responsáveis por desenhar uma promessa de prosperidade na natureza, indicativas de que esse território, se desbravado e cultivado por homens cristãos, poderia abrigar as esperanças de abundância e progresso para Portugal.

E assim verificamos, em Caminha, a tentativa de irmanar a fertilidade da terra com a missão catequizadora:

*"A terra, porém, em si, é de muito bons ares, assim frios e temperados como os d'Entre Doiro e Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela pode fazer me parece que será salvar esta gente. e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em que ela deve lançar."*⁶⁰

Em Gandavo, percebemos evidenciada a possibilidade oferecida pela terra de minorar a pobreza de Portugal, oferecendo a todos a promessa de prosperidade do outro lado do Atlântico:

*"parece cousa decente e necessaria terem tambem os nossos naturaes a mesma noticia, especialmente pera quetodos aquelles que nestes Reinos vivem em pobrezanam duvidem escolhe-lhapara seu emparo: porque a mesma terra he tal e tam favoravel aos que a vão buscar, que a todos agazalha e convida com remedio por pobres e desamparados que sejão."*⁶¹

Em Salvador, finalmente, lemos a amargura da percepção de que a terra, fértil e generosa, se esvai com a má administração lusa:

*"e lhe chamam estado do Brasil, ficou ele tão pouco estável que, com não haver hoje cem anos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, já se hão despovoado alguns lugares e, sendo a terra tão grande e fértil como ao diante veremos, nem por isso vai em aumento, antes em diminuição"*⁶²

"E deste mesmo modo se hão os povoadores, os quais, por mais arraigados que na terra estejam e mais ricos que sejam, tudo pretendem levar a Portugal e, (...) isto não tem só os que de lá vieram, mas ainda os

⁶⁰ CAMINHA, p.30

⁶¹ GANDAVO, p.76

⁶² SALVADOR, p.57.

que nasceram, e uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída"⁶³

Esses três trechos demonstram que o distanciamento temporal da chegada foi responsável por uma visão mais cáustica do mais recente de nossos autores com relação à participação dos habitantes na colonização, afastada bastante da missão evangelizadora prevista por Cabral, embora, a imagem confeccionada sobre a Terra permaneça inalterada: fértil e promissora.

Como os três autores apresentam a preocupação de dar a conhecer e divulgar as características das novas possessões portuguesas, são bem minuciosos em suas descrições, com a preocupação de descrever todas as coisas que possam soar peculiares aos ouvidos europeus. Nossos autores elencam espécies de animais e plantas, detalhes geográficos, características de águas e ares.

Sobre a ancoragem do dia 25 de abril, Caminha indica como a terra os recolhia com generosidade, oferecendo-lhes a segurança de uma boa acolhida.

"[Sábado, 25 de abril] ao sábado, pela manhã, mandou o capitão fazer vela e fomos demandar entrada, a qual era mui larga e alta de seis, sete braças. E entraram todas as naus dentro e ancoraram-se em cinco, seis braças, a qual a ancoragem dentro é tão grande e tão fremeosa e tão segura que podem fazer dentro dela mais de 200 navios e naus." ⁶⁴

Gandavo, logo no início de sua *História*, nos dá conta de sua admiração pela Terra de forma categórica:

*"Deste e doutros extremos semelhantes carece esta Provincia Santa Cruz: porque com ser tam grande nam tem Serras, ainda que muitas, nem desertos nem alagadiços que com facilidade não se possam atravessar. Além disto he esta Provincia sem contradição a melhor pera a vida do homem que cada huma das outras de America, por ser commummente de bons ares e fertilissima, e em gram maneira deleitosa e aprazivel á vista humana."*⁶⁵

Salvador, também, tem a terra em boa conta, enaltecendo seu clima, responsável pela boa acolhida a quem nela viver:

*"Donde se responde ao argumento de Aristóteles que o sol aquece mais na zona tórrida que na temperada intensivè, mas não extensivè, o que esta intensão de calor se modera com os ventos frescos do mar e umidade da terra, junto com a frescura do arvoredo de que toda está coberta; de tal sorte que os que a habitam vivem nela alegremente."*⁶⁶

Desta forma, a terra apresenta-se como um presente de Deus destinado ao povo português, cabendo a este a tarefa de o colonizar e cristianizar segundo Seus mandamentos. Vale a pena, pois, perceber os sinais divinos que se espalham pelas terras do Brasil, como por exemplo a descrição do maracujá feita por Salvador:

"E o que mais se pode notar é a flor, porque além de ser formosa e de várias cores, é misteriosa : começa no mais alto em três folhinhas, que se rematam em um globo que representa as três divinas pessoas em uma

⁶³ SALVADOR, pp.57-8

⁶⁴ CAMINHA, p.10

⁶⁵ GANDAVO, p.81

⁶⁶ SALVADOR, p.62.

*divindade, ou (como os outros querem) os três cravos com que Cristo foi encravado, e logo têm abaixo do globo (que é o fruto) outras cinco folhas, que rematam em uma roxa coroa, representando as cinco chagas e a coroa de espinhos de Cristo Nosso Redentor."*⁶⁷

Gostaríamos de encerrar nossa observação desta que é a última das categorias a serem tratadas, evidenciando uma imagem da "Terra" que permanecerá constante nos relatos de nossos autores -e ainda de muitos que os seguirão- e que pode ser paradigmaticamente a partir deste trecho extraído de Gandavo:

*"Esta provincia he mui deliciosa e fresca em gram maneira: toda está vestida de mui alto e espesso arvoredo, regada com as aguas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquella temperança da primavera que aqui nos offerece Abril e Maio. e isto causa não haver là frios, nem ruinas de inverno que offendão as suas plantas, como cã offendem as nossas. Em fim que assi se houve a Natureza com todas as cousas desta Provincia, e de tal maneira se comedido na temperança dos ares, que nunca nella se sente frio nem quentura excessiva."*⁶⁸

Algumas conclusões:

É curioso seguirmos, nos três textos, as explicações sobre o nome dado à terra encontrada. Em Caminha temos apenas um depoimento sobre a escolha do nome de Terra de Vera Cruz, no entanto, interessar-nos-emos aqui pela explicação encontrada por nossos dois outros autores para a mudança de Vera Cruz para Brasil.

Essa explicação, por si só, nos dá conta da importância do imaginário cristão na explicação das coisas do mundo. Os fatos da colonização sendo explicados como resultado da ação e vontade de Deus e do Demônio explicita-se nestas passagens que ora citaremos:

Para Caminha manifesta-se a vontade de narrar o momento da chegada, sendo a nomeação um dos detalhes deste acontecimento:

*"E neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, mui alto e redondo, e d'outras serras mais baixas a sul dele e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs nome o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz"*⁶⁹

Nos dois outros autores encontramos uma outra questão: a substituição da designação primeira por uma outra menos santa - de Santa Cruz a Brasil. Ambos depreciam a mudança e revelam uma mesma explicação para a funesta substituição.

De Gandavo recolhemos um trecho em que remonta ao ato de nomeação

"E tornando Pedralvarez, seu descobridor, passado alguns dias que ali esteve (...) antes de se partir por deixar nome áquella Provincia, por ele novamente descobrta, mandou alçar uma cruz no mais alto lugar de uma arvore, onde foi arvorada com grande solenidade e benções de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando á terra este nome de

⁶⁷ SALVADOR, pp.66-7

⁶⁸ GANDAVO, p.82.

⁶⁹ CAMINHA, p.5

Santa Cruz: cuja festa celebrava naquelle mesmo dia a Santa Madre Egreja, que era aos tres de maio." ⁷⁰

(...)Por onde nam parece razam que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam indevidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pao da tinta começou de vir a estes Reinos; ao qual chamaram brasil por ser vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil. Mas para que nestas partes magoemos ao Demonio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria da Santa Cruz e desterra-la dos corações dos homens, medeante a qual redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemos-lhe a restituir seu nome e chamemos-lhe Provincia de Santa Cruz, como em principio (...) porque na verdade mais he de estimar, e melhor soa nos ouvidos da gente Christã o nome de hum pao em que se obrou o misterio de nossa redençam que o doutro que nam serve de mais que tingir panos e cousas semelhantes." ⁷¹

Em Salvador destacaremos as passagens consecutivas que explicam a escolha do nome e sua posterior substituição:

"O dia em que o Capitão-Mor Pedro Álvares Cabral levantou a cruz que no capítulo atrás dissemos, era 3 de maio, quando se celebra a invenção da santa cruz em que Cristo Nosso redentor morreu por nós, e por esta causa pôs nome à terra que havia descoberta de Santa Cruz e por este mesmo nome foi conhecida muitos anos. Porém, como o demônio com o sinal da cruz perdeu todo o domínio que tinha sobre os homens, receando perder também o muito que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado de cor abrasada e vermelha com que tingem panos, do qual há muito nesta terra, como que importava mais o nome de um pau com que tingem panos que o daquele divino pau, que deu tinta e virtude a todos os sacramentos da igreja, e sobre que ela foi edificada e ficou tão firma e bem fundada como sabemos." ⁷²

concluindo enfaticamente:

"estas são as razões por que alguns com muita dizem que não permanece o Brasil nem vai em crescimento; e a estas pode ajuntar a que atrás tocamos de lhe haverem chamado estado do Brasil, tirando-lhe o de Santa Cruz com que pudera ser estado e ter estabilidade e firmeza." ⁷³

Não pretendemos, aqui, levar adiante uma discussão sobre se o trecho extraído de Salvador poderia ser uma possível releitura do de Gandavo ou, se por outro lado, os dois deram voz a uma explicação corrente do meio eclesiástico da colônia. É interessante, no entanto, chamar atenção para o fato de que nestas passagens estão manifestas opiniões bem delimitadas sobre a ação do demônio nestas terras e sobre a necessidade de se apegar à fé católica para a construção de uma terra promissora e lavada de pecados.

⁷⁰ GANDAVO, p.80

⁷¹ GANDAVO, p.80.

⁷² SALVADOR, p.57.

⁷³ SALVADOR, p.58.

Desta forma, a partir destas passagens exemplares, podemos perceber mais enfaticamente aquilo que viemos defendendo ao longo deste estudo: a presença de um imaginário cristão suficientemente arraigado para dar conta de explicar os destinos da ação dos portugueses em terras do Brasil.

Esse ideário maravilhoso, presente nas três obras, mostra-nos a transformação destas visões: de um deslumbramento curioso, vivido por Caminha, passando por um certo descrédito ainda confiante, de Gandavo, para, enfim, um descontentamento impaciente, patente em Salvador. Por mais que essas três atitudes possam aparentar uma distância gradualmente estabelecida, e assim o foi, todas depõem sobre uma mesma matriz de pensamento, que busca, em marcas aparentemente invisíveis, a ação e a vontade de Deus - ou do Demônio.

Referências bibliográficas:

- CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens, estudos e biografias*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- CURTO, Diogo Ramada. "a literatura e o império: entre o espírito cavaleiroso, as trocas da Corte e o humanismo cívico" In: *História da expansão portuguesa*. Navarra: Círculo de leitores, 1998. (1v).
- ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA. Rio de Janeiro; Lisboa: Editorial Enciclopédia, s.d.. Vol. XXV
- FERNANDES, Ana. *O outro que somos nós na Carta de Pêro Vaz de Caminha*. In: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL (orgs.). *Literatura de Viagens: narrativa, história, mito*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1997.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil, História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1980. [1576].
- HUE, Sheila de Moura. "Gandavo na província de Santa Cruz, 500 anos depois". In: *Convergência Lusíada*, n.18. Rio de Janeiro: Nórdica, 2001.
- MORNA, Fátima Freitas (org). *Poesia de Jorge Sena*. Lisboa: editorial comunicação, 1985
- PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 198- [1627].
- SIMÕES, Manuel. *A literatura de viagens nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985.
- SOUZA, Lura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

- VITORINO, Clara de Macedo. "Caminha e Colombo: duas visões do mundo americano". In: FALCÃO; NASCIMENTO & LEAL (orgs.). *Literatura de Viagens: narrativa, história, mito*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1997.
- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial 1500-1800*. 4ª ed. Ver. E Anot. Por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Briget, 1954.
- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil colônia – um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.
- ALMEIDA, Maria do Perpétuo Socorro Corrêa Lima de. "Os lusíadas e o discurso ideológico da expansão" in: *Convergência lusíada – revista cultural de Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura.*, ano IV, n° 7, jul./79.
- ARMITAGE, João. *História do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- BARROS, João de. *Década primeira de Asia: feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares do oriente*. Lisboa : Pedro Ferreira Impressor, 1752.
- BARLÊU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*. Trad. e Anot. de Cláudio Brandão. São Paulo: Itatiaia, 1974, v.15.
- BLAKE, Augusto Victoriano do Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970 (Ed, Fac-similar da de 1902).
- CHANDEIGNE, Michel (org.). Lisboa ultramarina: 1415-1580: A invenção do mundo pelos navegadores portugueses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1992.
- CIDADE, Hernani. *A literatura portuguesa e a expansão ultramarina*. Coimbra: Arménio Amado, ed., 1963.
- CORTESÃO, Jaime. *Os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975, Obras Completas, v. III.
- DENIS, Ferdinando. *Brazil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- FONTANA, Ricardo. *O Brasil de Américo Vespúcio*. Brasília: EdUnB, 1994.
- FLETSCHAMNN, Ulrich; ASSUNÇÃO, Mathias Ruhrig; ZIEBEL-WENDT, Zinka. Os tupinambá: Realidade e ficção nos relatos quinhentistas. *Revista Brasileira de História* São Paulo: Vol.11 n° 21, pp.45-64, set.90/fev.91.
- GIUCCI, Guilherme. A visão inaugural do Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Vol.11 n° 21, pp.45-64, set.90/fev.91.
- GODINHO, Victoriano Magalhães. *Os descobrimentos e a economia mundial*. Lisboa: Presença, 1981, v.1.
- HEIRRERG, Hanz. *A outra Europa*. Lisboa, Presença, 1995.
- INÁCIO, Inês da Conceição; LUCA, Tania Regina de. *Documentos do Brasil Colonial*. São Paulo: Ática, 1993.
- LAPA, Rodrigues (Org.). *Historiadores Quinhentistas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- _____. *Fr. Luís de Sousa – Anais de D. João III*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1938, v. I.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da Saudade*. Lisboa: Bblioteca Dom Quixote, 4ª ed.
- MARQUES,ª H. Oliveira. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Presença, 1995.
- MENDES, Murilo. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo, Saraiva, 1969, 5.v.
- MORNA, Fátima Freitas(org.). *A poesia de Jorge Sena*. Lisboa: Editorial comunicação, 1985.

- MULLER, Sálvio Alexandre. A natureza Brasileira segundo dois cronistas do período colonial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Vol.11 n ° 21, pp.45-64, set.90/fev.91.
- NOBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.
- PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.. 1999.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Ática, 1967.
- _____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1972.
- POMBO, Rocha. *História do Brasil (Edição do Centenário)*. Rio de Janeiro: Typografia do Anuario do Brasil – v.II [s.d.].
- SILVA, Inocência F. da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973. 23v (edição Fac-similar da de 1859).
- SILVEIRA, Sousa da (org.). *Textos Quinhentistas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Prosas Históricas*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1691.